

# VER O INVISÍVEL

HISTÓRIA DAS IDEIAS  
SOBRE A MENTE NO  
MUNDO OCIDENTAL

RODRIGO DE  
SÁ-NOGUEIRA  
SARAIVA



# Índice

<i>Apresentação</i> . . . . .	21
-------------------------------	----

## PRIMEIRA PARTE O SURGIR DA NOÇÃO DE MENTE

CAPÍTULO 1 – O MENTAL: ALMA, MENTE E PSICOLOGIA . . . . .	29
A experiência de mim próprio . . . . .	30
Inferência de estados mentais alheios . . . . .	32
Dualismo: invisível-dinâmico/concreto-inerte . . . . .	35
A Mente nas Culturas Ágrafas . . . . .	37
Alma e agência . . . . .	37
Almas fora do corpo . . . . .	38
Agências desencarnadas: os espíritos . . . . .	40
Implicações do anteriormente dito . . . . .	44
Posições de primeira, segunda e terceira pessoa . . . . .	44
Modelos da mente . . . . .	45
Dificuldade de descrição do mental . . . . .	46
CAPÍTULO 2 – OS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIA NA GRÉCIA . . . . .	49
Os Gregos arcaicos . . . . .	49
A especulação cósmica e a descoberta do pensamento . . . . .	52
A revolução socrático-platónica . . . . .	57
Sócrates . . . . .	58
Platão . . . . .	59

VER O INVISÍVEL

A ontologia platónica . . . . .	60
A epistemologia platónica . . . . .	62
<i>Crítica da Teoria das Formas</i> . . . . .	66
Psicologia de Platão . . . . .	67
<i>A imortalidade da alma</i> . . . . .	71
Ética e as virtudes cardeais . . . . .	72
Breve conclusão sobre Platão . . . . .	74
<b>Aristóteles</b> . . . . .	75
Ontologia . . . . .	75
<i>Substância</i> . . . . .	76
<i>Potência e acto</i> . . . . .	77
<i>Categories</i> . . . . .	77
<i>As formas imutáveis</i> . . . . .	78
<i>As causas</i> . . . . .	79
A alma . . . . .	79
<i>Tó poíón</i> . . . . .	83
Ética: a psicologia motivacional . . . . .	86
Resumo . . . . .	91
Sequência das ideias dos pensadores gregos até Aristóteles . . . . .	92
<b>Desenvolvimentos posteriores</b> . . . . .	94
Epicurismo e estoicismo . . . . .	94
<i>O Estoicismo</i> . . . . .	95
<i>Epicuro</i> . . . . .	98
A contribuição dos pensadores gregos . . . . .	100
 CAPÍTULO 3 – DO HELENISMO À IDADE MÉDIA . . . . .	103
De Atenas ao Renascimento . . . . .	103
O Cristianismo e a Alma . . . . .	104
Plotino . . . . .	105
Agostinho . . . . .	106
<i>A alma presente a si própria</i> . . . . .	107
<i>A certeza do Eu</i> . . . . .	109
<i>Níveis de conhecimento e consciência da mente</i> . . . . .	109
<i>Unidade da alma e conflito</i> . . . . .	110
<i>Teoria do tempo e memória</i> . . . . .	112
<i>Livre-arbítrio</i> . . . . .	113
<i>Em suma</i> . . . . .	114

## ÍNDICE

O declínio europeu, os autores árabes e o pensamento grego	114
<i>A psicologia árabe</i> . . . . .	116
A Mente na Baixa Idade Média . . . . .	120
Pedro Hispano, exemplo da escolástica medieval pré-tomista . . . . .	123
S. Tomás de Aquino . . . . .	128
<i>O aristotelismo de S. Tomás</i> . . . . .	129
<i>A psicologia tomista</i> . . . . .	130
<i>Tratado das Paixões</i> . . . . .	135
<i>Livre-arbitrio</i> . . . . .	136
<i>Sumário</i> . . . . .	136
<i>Discussão e avaliação (talvez injusta)</i> . . . . .	137
<i>Emoções e Ética na Idade Média profana; D. Duarte</i> . . . . .	139
<b>A Idade Média como zénite da teorização sobre a Alma</b> . . . . .	142
As almas aristotélica e platónica: posições da primeira e terceira pessoas . . . . .	144
<b>Occam e o conceptualismo</b> . . . . .	146
A questão dos Universais . . . . .	146
Nominalismo e Conceptualismo e Intelecto Agente . . . . .	147
<i>Estrutura e natureza da alma em Occam</i> . . . . .	148
<i>Características do pensamento de Occam</i> . . . . .	151
Caminhos abertos por Occam . . . . .	152
<b>Os problemas da mente medieval e sua actualidade</b> . . . . .	153
O intelecto agente/potencial . . . . .	154
Almas sensorial e intelectiva . . . . .	156
As faculdades . . . . .	156
A questão dos Universais . . . . .	157

## SEGUNDA PARTE A FORMAÇÃO DAS IDEIAS MODERNAS SOBRE A MENTE

<b>CAPÍTULO 4 – DO RENASCIMENTO À IDADE MODERNA</b> . . . . .	163
<b>Contexto do Renascimento</b> . . . . .	163
Neoplatonismo . . . . .	165
O humanismo . . . . .	167

VER O INVISÍVEL

O impacto do novo Aristóteles . . . . .	168
Outras influências: pirronismo, estoicismo, epicurismo . . . . .	169
A procura da verdade nas coisas e não no raciocínio . . . . .	170
Origens da ciência moderna . . . . .	172
A rejeição do saber antigo . . . . .	173
Francisco Sanches e a inutilidade do saber antigo . . . . .	174
<i>Francis Bacon</i> . . . . .	174
<i>Galileu</i> . . . . .	176
Génese renascentista do pensamento cartesiano . . . . .	178
Gómez Pereira e a reafirmação do argumento de Agostinho	178
O racionalismo: Descartes e Espinosa . . . . .	182
Descartes . . . . .	182
Contexto e problema de Descartes . . . . .	183
Natureza da mente e dualismo . . . . .	186
Fisiologia, psicologia, conhecimento e paixões da alma . . . . .	189
Influência da ideia do corpo como máquina . . . . .	193
Reacções a Descartes . . . . .	194
Espinosa . . . . .	196
As ideias de Espinosa . . . . .	197
O pensamento e as paixões . . . . .	200
A política de Espinosa . . . . .	203
Actualidade do pensamento de Espinosa . . . . .	204
CAPÍTULO 5 – DO EMPIRISMO A KANT . . . . .	207
O empirismo e a sua origem . . . . .	207
Inícios do empirismo . . . . .	208
Pierre Gassendi . . . . .	211
Thomas Hobbes . . . . .	213
Apreciação de Hobbes . . . . .	216
John Locke . . . . .	217
Articulação das Ideias de Locke . . . . .	218
Experiência mental como fonte da teoria de Locke . . . . .	218
Preconceito atomista . . . . .	219
Ideias simples . . . . .	220
Ideias complexas . . . . .	221
Tipos de ideias complexas . . . . .	222
Locke e a psicologia das faculdades . . . . .	224
O Eu em Locke . . . . .	225

## ÍNDICE

Teoria da linguagem . . . . .	227
O anti-inatismo de Locke . . . . .	228
Apreciação de Locke . . . . .	230
<b>Georges Berkeley . . . . .</b>	<b>233</b>
A mente em Berkeley . . . . .	237
Méritos de Berkeley . . . . .	237
<b>David Hume . . . . .</b>	<b>238</b>
O Eu em Hume . . . . .	242
A natureza humana . . . . .	244
<i>Paixões</i> . . . . .	245
<i>Moralidade</i> . . . . .	247
<i>Empirismo mas não determinismo externo</i> . . . . .	248
Apreciação de Hume . . . . .	249
<b>Evolução do empirismo depois de Hume . . . . .</b>	<b>250</b>
David Hartley . . . . .	250
Os Mill . . . . .	251
<b>Iluminismo e Rousseau . . . . .</b>	<b>253</b>
Condillac . . . . .	255
<i>Crítica de Condillac</i> . . . . .	256
La Mettrie e o materialismo radical . . . . .	257
<i>Conclusão sobre La Mettrie</i> . . . . .	259
Rousseau . . . . .	260
<i>Rousseau e a subjectividade</i> . . . . .	264
Apreciação . . . . .	266
Influência de Rousseau . . . . .	267
<b>Kant . . . . .</b>	<b>268</b>
O Problema de Kant . . . . .	269
Espaço, Tempo e Apercepção Pura . . . . .	270
A priori cognitivos organizadores da experiência . . . . .	272
Influência de Kant . . . . .	274
O Eu em Kant . . . . .	276
Kant e a Crítica da Razão Prática . . . . .	278
Kant e a crítica da psicologia introspectiva . . . . .	279
Empirismo e kantismo: cópia e transformação . . . . .	281
<b>CAPÍTULO 6 – A ERA DA CIÊNCIA . . . . .</b>	<b>283</b>
<b>Contexto social e cultural . . . . .</b>	<b>283</b>

## VER O INVISÍVEL

<b>Modelos da física e do significado . . . . .</b>	287
<b>A herança de Newton . . . . .</b>	288
Mensagem de Newton . . . . .	289
Impacto de Newton na Filosofia . . . . .	290
<b>Vico e a sua herança . . . . .</b>	293
A «Ciência Nova» de Vico . . . . .	294
Seguidores de Vico . . . . .	297
<b>Comparação das duas heranças . . . . .</b>	299
O Vitalismo e o Mecanicismo . . . . .	304
As duas posições e o desenvolvimento da psicologia . . . . .	306
<b>CAPÍTULO 7 – POSITIVISMO E MATERIALISMO . . . . .</b>	307
<b>Correntes materialistas . . . . .</b>	307
<b>Positivismo . . . . .</b>	308
As ciências de Comte . . . . .	309
A dinâmica de Comte . . . . .	310
Positivismo e psicologia . . . . .	310
O «quadro cerebral» . . . . .	312
Conclusão sobre Comte . . . . .	313
<b>Breve história da fisiologia da mente . . . . .</b>	313
Neo-kantismo e fisiologia . . . . .	315
Localização de funções . . . . .	317
<i>Pavlov e a naturalização da associação . . . . .</i>	318
<i>Pertinência contemporânea do reducionismo fisiológico . . . . .</i>	320
<b>Conclusão sobre o materialismo . . . . .</b>	321
Mente e fisiologia . . . . .	321
Reconciliação das posições de Kant e Locke . . . . .	322

## TERCEIRA PARTE A PSICOLOGIA NA ERA DA CIÊNCIA

<b>CAPÍTULO 8 – FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL . . . . .</b>	325
<b>Fechner . . . . .</b>	325
<b>As psicologias de Wundt . . . . .</b>	327
As bases intelectuais de Wundt . . . . .	328
Posição filosófica de Wundt . . . . .	330
As ideias de Wundt sobre a mente . . . . .	332

## ÍNDICE

Voluntarismo . . . . .	339
O Eu em Wundt . . . . .	340
Em suma . . . . .	341
As leis de Wundt . . . . .	342
Os métodos de Wundt . . . . .	343
<i>Método «fisiológico» ou experimental . . . . .</i>	344
<i>Áreas de trabalho do laboratório de Wundt. . . . .</i>	346
<i>Métodos não experimentais e resultados obtidos sem o método fisiológico. . . . .</i>	348
A herança moderna de Wundt. . . . .	350
<b>Hermann Ebbinghaus . . . . .</b>	<b>351</b>
<b>Reacções dentro do movimento wundtiano . . . . .</b>	<b>354</b>
Oswald Külpe . . . . .	354
<i>As ideias de Külpe e a misteriosa discussão do «pensamento sem imagens» . . . . .</i>	355
 CAPÍTULO 9 – DEFESA DO SIGNIFICADO . . . . .	361
<b>Reacção ao cientismo . . . . .</b>	<b>361</b>
Desenvolvimento da psicologia não mecanicista. . . . .	363
<i>Goethe, as visões de conjunto, o dinamismo e os fenómenos primordiais . . . . .</i>	367
<i>Outros desenvolvimentos . . . . .</i>	369
 CAPÍTULO 10 – A ÉPOCA DAS GRANDES TEORIAS . . . . .	373
<b>A Etologia . . . . .</b>	<b>373</b>
Heinroth . . . . .	374
Uexküll . . . . .	376
<i>O ciclo funcional. . . . .</i>	376
Lorenz . . . . .	380
<i>O mecanismo inato desencadeador . . . . .</i>	381
Tinbergen . . . . .	384
Resumo da etologia clássica . . . . .	385
Críticas . . . . .	387
Etologia e Psicologia. . . . .	391
<b>A «Teoria Gestalt» . . . . .</b>	<b>392</b>
Contexto . . . . .	392
Precursors. . . . .	394

VER O INVISÍVEL

As ideias da psicologia Gestalt . . . . .	397
Resumo das ideias Gestalt . . . . .	407
Avaliação . . . . .	409
<b>Conclusão . . . . .</b>	<b>410</b>
<b>A Psicologia Genética de Jean Piaget . . . . .</b>	<b>412</b>
O desenvolvimento psicológico . . . . .	414
Apreciação da Teoria . . . . .	419
 CAPÍTULO 11 – A PSICANÁLISE . . . . .	421
<b>Introdução . . . . .</b>	<b>421</b>
O romantismo como reacção ao iluminismo . . . . .	422
<i>Ser objectivo significa o quê? . . . . .</i>	422
<i>A expressão do sujeito e o romantismo . . . . .</i>	424
<i>Sujeito e objecto no romantismo – a filosofia da natureza . . . . .</i>	425
Schelling e a filosofia da natureza . . . . .	427
Carus . . . . .	428
Von Schubert . . . . .	429
Schopenhauer e a vanidade da vontade . . . . .	430
<i>Influências na psicanálise . . . . .</i>	434
<b>Neo-romantismo . . . . .</b>	<b>435</b>
Eduard von Hartmann e a inconsciência da vontade . . . . .	436
Nietzsche e a vontade de poder . . . . .	438
<i>Comentário . . . . .</i>	444
<i>Nota pessoal sobre Nietzsche . . . . .</i>	445
<i>Influência na psicanálise . . . . .</i>	446
<b>Outros Antecedentes da Psicanálise . . . . .</b>	<b>448</b>
A temática do sexo nos finais do século XIX . . . . .	448
O que era aceite sobre o inconsciente antes de Freud . . . . .	452
<b>A Psicanálise de Sigmund Freud . . . . .</b>	<b>453</b>
Elementos pessoais importantes a reter em Freud . . . . .	454
<i>A família e as origens de Freud . . . . .</i>	454
<i>A mente de Freud . . . . .</i>	456
Formação, influências e primeiras teorizações . . . . .	459
<i>Brücke e a fisiologia materialista . . . . .</i>	460
<i>Charcot e a histeria . . . . .</i>	460
O inconsciente na psicologia francesa: Janet, Charcot e Bernheim . . . . .	462
<i>Breuer e a catarse . . . . .</i>	464

## ÍNDICE

<i>Associação livre</i> . . . . .	465
O trauma sexual na histeria e nas neuroses . . . . .	465
Fliess e as primeiras teorizações . . . . .	467
<i>A teoria do trauma sexual precoce – ou «teoria da sedução»</i> . . . . .	468
<i>As fases da sexualidade infantil e o Édipo</i> . . . . .	469
<i>A primeira tópica e a Interpretação dos Sonhos</i> . . . . .	473
A origem das culturas humanas . . . . .	475
A «segunda tópica» e Eros e Thanatos . . . . .	477
Freud e a civilização . . . . .	480
Avaliação da psicanálise freudiana . . . . .	481
<i>Importância de um modelo bio-psico-social</i> . . . . .	481
<i>Crítica ao método de Freud</i> . . . . .	484
<i>Associações arbitrárias</i> . . . . .	485
<i>A solução precede a observação</i> . . . . .	487
<i>Atribuição impossível de agência</i> . . . . .	489
<i>Nota sobre a sexualidade inconsciente</i> . . . . .	490
Críticas recentes a Freud . . . . .	493
Conclusão . . . . .	495
<b>Carl Gustav Jung e a psicologia analítica</b> . . . . .	496
Desenvolvimento das ideias de Jung . . . . .	496
Apriorismo e arquétipos . . . . .	500
A formação da personalidade . . . . .	502
Tipos Psicológicos . . . . .	505
<i>Introversão e Extroversão</i> . . . . .	505
<i>As quatro funções</i> . . . . .	507
Os sonhos . . . . .	509
Imaginação activa . . . . .	510
A Terapia . . . . .	510
Avaliação . . . . .	511
<b>Alfred Adler</b> . . . . .	514
As ideias de Adler . . . . .	514
<i>Apreciação</i> . . . . .	516
<b>Conclusões sobre a psicanálise</b> . . . . .	517
A noção de Inconsciente . . . . .	517
Porque foi a psicanálise tão influente? . . . . .	518
Herança da Psicanálise para a Psicoterapia e para a Psicologia não-experimental . . . . .	520
<b>Conclusão</b> . . . . .	522

**QUARTA PARTE**  
**A ACTUAL VISÃO DA MENTE E A SUA GÉNESE**

CAPÍTULO 12 – FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA ACTUAL . . . . .	525
Breve contexto histórico . . . . .	525
A tradição europeia no início da psicologia americana . . . . .	528
Titchener . . . . .	528
William James . . . . .	531
<i>Os Princípios de Psicologia</i> . . . . .	532
<i>As ideias de James</i> . . . . .	533
Funcionalismo . . . . .	534
Perifericismo . . . . .	534
Percepção e sensação . . . . .	536
Fluxo de consciência . . . . .	538
O Eu e o Mim . . . . .	542
O hábito . . . . .	546
<i>Impacto de James</i> . . . . .	547
CAPÍTULO 13 – A PSICOLOGIA PROPRIAMENTE NORTE-AMERICANA . . . . .	551
Pano de fundo intelectual dos Estados Unidos nos finais do século XIX . . . . .	551
Mudanças sociais no século XIX . . . . .	554
Funcionalismo e transição para o condutismo . . . . .	556
Watson e o condutismo . . . . .	561
Nota preliminar . . . . .	561
Inícios da carreira . . . . .	562
Significado de «conduta» em Watson . . . . .	566
Depois da Academia . . . . .	574
Apreciação do condutismo watsoniano . . . . .	575
O condutismo radical de B. F. Skinner . . . . .	577
A filosofia de Skinner . . . . .	578
<i>A máquina sem maquinista</i> . . . . .	579
Conceitos estruturadores do pensamento de Skinner . . . . .	580
<i>Equiparação do mentalismo com o vitalismo</i> . . . . .	580
<i>Posição da terceira pessoa</i> . . . . .	581
<i>Justificação do ambientalismo extremo</i> . . . . .	581

## ÍNDICE

<i>O antimentalismo não implica que não haja interior . . . . .</i>	584	
<i>Previsão e controlo . . . . .</i>	586	
<i>Aprendizagem/mudança . . . . .</i>	587	
<i>O comportamento como reformulação da mente em conduta . . . . .</i>	588	
Teleonomia e vontade . . . . .	591	
Percepção, atenção, e «funções cognitivas» . . . . .	591	
Controlo de Si, Eu sujeito e objecto . . . . .	592	
<i>Ego, Superego e Id . . . . .</i>	595	
Pensamento . . . . .	596	
Motivações . . . . .	598	
Emoções . . . . .	598	
Linguagem . . . . .	599	
A tradução do mental para a conduta, resumo . . . . .	600	
<i>A «análise experimental do comportamento» . . . . .</i>	600	
<b>É coerente o condutismo radical? . . . . .</b>	<b>603</b>	
<i>Não se estuda a organização da conduta . . . . .</i>	604	
<i>Mentalismo e introspecção disfarçados . . . . .</i>	604	
<i>A questão do Eu . . . . .</i>	605	
<i>A renomeação da mente em conduta . . . . .</i>	605	
<b>É possível abdicar do mentalismo e da mente? . . . . .</b>	<b>606</b>	
<i>É possível reduzir a psicologia ou o comportamento à aprendizagem? . . . . .</i>	607	
<i>Em suma . . . . .</i>	608	
Etologia e condutismo . . . . .	608	
Mecanicismo e vitalismo: como foi resolvido o problema . . . . .	610	
Domínio do condutismo . . . . .	612	
<b>O ethos ambientalista nos Estados Unidos . . . . .</b>	<b>612</b>	
<b>A queda do ambientalismo extremo . . . . .</b>	<b>614</b>	
CAPÍTULO 14 – DESENVOLVIMENTOS PÓS-CONDUTISTAS . . . . .		619
<b>Cognitivismo . . . . .</b>	<b>619</b>	
Origens: reacção anticondutismo . . . . .	619	
<i>Origens condutistas do cognitivismo . . . . .</i>	620	
<i>O estudo da mente . . . . .</i>	623	
A teoria cognitivista . . . . .	625	
O sistema S·O·R e o operacionismo . . . . .	628	
<i>Infalsificabilidade dos paradigmas . . . . .</i>	632	

## VER O INVISÍVEL

Validação pela neuropsicologia? . . . . .	633
Psicologia cognitiva e ciência cognitiva . . . . .	635
Apreciação da psicologia cognitiva . . . . .	636
<b>Outros movimentos . . . . .</b>	<b>636</b>
A psicologia social . . . . .	637
A psicologia evolutiva . . . . .	639
A neuropsicologia . . . . .	641
Integração . . . . .	642
<b>Áreas menos exploradas. . . . .</b>	<b>642</b>

## QUINTA PARTE CONCLUSÕES

<b>CAPÍTULO 15 – SUMÁRIO DAS IDEIAS APRESENTADAS . . . . .</b>	<b>647</b>
<b>CAPÍTULO 16 – ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA . . . . .</b>	<b>655</b>
<b>Pensar a mente: os grandes eixos . . . . .</b>	<b>655</b>
O que se pretende explicar . . . . .	655
<i>Como chegar à verdade: transcendência e imanência</i> . . . . .	655
<i>Como ser ético: controlo da mente e das motivações</i> . . . . .	659
O que é a mente e como se deve estudá-la. . . . .	664
O que é considerado uma explicação válida. . . . .	665
<i>Estrutura/arquitectura da mente</i> . . . . .	665
Estrutura, dinamismo e fluxo . . . . .	667
Estruturas inatas/transcendentais e sua naturalização . .	668
Internalismo, externalismo, mente activa e passiva . .	670
<i>Causas mecânicas, ou mecanicismo e fiscalismo</i> . . . . .	671
<i>A função como causa</i> . . . . .	673
<i>Causas históricas</i> . . . . .	677
<i>Explicar sistemas ou processos isolados: holismo e elementarismo</i>	679
A matéria-prima da teorização: primeira e terceira pessoas .	681
<i>Os métodos da primeira pessoa</i> . . . . .	682
Primeira pessoa subjectiva . . . . .	682
Primeira pessoa objectual . . . . .	683
<i>A «segunda pessoa»</i> . . . . .	685

## ÍNDICE

<i>Os métodos da terceira pessoa</i> . . . . .	685
Inferência de estados mentais alheios . . . . .	685
Modelos hipotéticos da mente . . . . .	686
Recusa de variáveis não directamente observáveis . . . . .	688
<b>Resumo dos estruturadores do pensamento sobre a mente</b> . . . . .	689
Internalismo-externalismo . . . . .	689
Razão-Emoção. . . . .	689
Estrutura-fluxo/dinamismo. . . . .	690
Holismo-elementarismo . . . . .	690
Sincronia-Diacronia . . . . .	690
Primeiras e terceiras pessoas . . . . .	690
<b>«Fórmulas da mente»</b> . . . . .	690
As fórmulas «epistemológicas» . . . . .	691
<i>Fórmula A I</i> . . . . .	691
<i>Fórmula A II.</i> . . . . .	691
<i>Fórmula A III</i> . . . . .	691
<i>Fórmula A IV</i> . . . . .	691
<i>Fórmula A V.</i> . . . . .	691
<i>Fórmula A VI</i> . . . . .	691
Fórmula A V-a . . . . .	692
Fórmula A V-b. . . . .	692
Fórmula A V-c. . . . .	692
<i>Fórmula A VI</i> . . . . .	692
<i>Fórmula A VII</i> . . . . .	692
<i>Fórmula A VIII.</i> . . . . .	692
<i>Fórmula A IX.</i> . . . . .	693
As fórmulas «éticas» . . . . .	693
<i>Fórmula B I</i> . . . . .	693
<i>Fórmula B II.</i> . . . . .	693
<i>Fórmula B III</i> . . . . .	693
<i>Fórmula B IV</i> . . . . .	694
<i>Fórmula B V.</i> . . . . .	694
<i>Fórmula B VI</i> . . . . .	694
<i>Fórmula B VII</i> . . . . .	694
<i>Fórmula B VIII.</i> . . . . .	694
<i>Fórmula B IX</i> . . . . .	694
<i>Palavras finais</i> . . . . .	697

## Capítulo 2

# Os primórdios da psicologia na Grécia

### *Os Gregos arcaicos*

O pensamento grego teve extraordinária influência no pensamento ulterior. Os autores que mais repercussão tiveram foram os atomistas (Leucipo, Demócrito e Epicuro) e os socráticos (Platão e Aristóteles). Mas para compreender a dinâmica do pensamento que neles desemboca temos de rapidamente percorrer os autores que lhes são anteriores. Neste processo compreenderemos como a noção de mente se emancipou do amálgama sincrático primitivo.

Numa obra muito conhecida, *Mimesis*, Eric Auerbach<sup>(29)</sup> apresenta a poesia da Grécia arcaica como absolutamente exterior e não psicológica: o contado é aquilo que é visto, e não se presume para além do que se vê. As personagens são, pois, psicologicamente opacas, corpos que se movem de acordo com as suas paixões ou os desígnios dos deuses. As suas vontades e emoções são as que se traduzem pela acção. Tudo o que é relatado é o visível. O psicológico é estranho à poesia homérica. Partamos deste traço de preocupação com o visível. É o que domina grande parte do pensamento anterior a Sócrates.

Na Grécia arcaica mesmo as paixões que movem os homens eram consideradas produtos directos das entradas e a morte seria a morte do corpo – a alma, o que restaria da vida, seria algo de espectral que não se assemelharia ao homem vivo. Os deuses seriam imortais

---

<sup>(29)</sup> Auerbach, E. (1946/1953): *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton UP, 1953. Original de 1946.

porque lhes correria no sangue uma substância que os mortais não teriam: *ichor*. Na Grécia arcaica havia vários termos para aquilo que mais tarde se considerou a mente. *Psyche*, ou *psüche*, era o hábito, o princípio de animação do corpo, que o abandonava com o «último suspiro». *Thymus*, ou *thümus*<sup>(30)</sup>, era a motivação e a emoção (as duas palavras, «emotião» e «motivação» têm como raiz «*motilidade*»), ou seja, as paixões. *Nous* era responsável pela percepção da verdade. As diferenças entre os vários conceitos nem sempre são muito claras – por exemplo, entre *psyche* e *thymus* a diferença não é muito grande. Como vimos no capítulo anterior, na mente primitiva a alma tende a ser sincrética, a aglutinar várias funções e são os académicos posteriores que procuram estabelecer diferenças analíticas<sup>(31)</sup>.

Tal como a imortalidade dos deuses era uma consequência de um processo meramente material e concreto, também eles eram concebidos de forma concreta e à imitação dos homens. Contrariamente à maior parte das culturas, o deus supremo, Zeus, não era omnisciente: era apenas um ser imortal, com muito poder, mas que não podia dominar os mistérios do passado e do futuro.

---

<sup>(30)</sup> Há entre os escritores de língua inglesa quem prefira escrever «thumus», «psuche», etc. em vez de «thymus», «psyche», etc. Mas a explicação é que em inglês «u» se lê «iu» e «y» aproximadamente «i» e, no final de uma palavra, «e». Não temos esse problema nem usamos o y. O «y» lê-se entre o «i» e o «u», como o «u» francês e o «ü» alemão. Por isso preservo a grafia mais habitual: «psyche», «thymus», etc.

<sup>(31)</sup> Sobre a alma grega ver, principalmente:

Cornford, F.M. (1952) *Principium Sapientiae: the origins of Greek philosophical thought*, Cambridge, Cambridge University Press;

Rohde, E. (1925/1987): *Psyche, the cult of souls and belief in immortality among the ancient Greeks*, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., London; Harcourt, Brace & Company, Inc., New York. Translated from the 8<sup>th</sup> Edition by H.B. Hillis MA, 1925 (*Psyche: Seelencult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*, 2 volumes), edição facsimilada da Ares Publishers, Inc. Chicago, 1987;

Bremmer, J. N. (1987): *The Early Greek Concept of the Soul*, Princeton & Chichester, Princeton University Press;

Snell, B. (1946/1953): *The Discovery of the Mind: The Greek Origins of European Thought* (*Die Entdeckung des Geistes*, Hamburg, 1946), trans. T.G. Rosenmeyer, Oxford, Blackwell; *A Descoberta do Espírito*, Lisboa, Edições 70;

Kirk, G. & Raven, K. (1971): *The presocratic philosophers*, Cambridge, Cambridge University Press.

## OS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIA NA GRÉCIA

Disse-se que os deuses gregos são pouco divinos e muito humanos, com os defeitos e virtudes dos homens. E, nesse sentido, a religião grega que nos é transmitida pela poesia épica é apenas um conjunto de histórias e intrigas entre vontades e maquinções de deuses e de homens. Havia, é certo, uma tradição mais misteriosa e mais semelhante à da maior parte das outras religiões, como é atestado pela tradição dionisíaca dos mistérios de Elêusis<sup>(32)</sup>. Mas, para compreender o desenvolvimento intelectual da Grécia, é necessário ter bem presente este extremo concretismo e visualismo, esta preocupação com o que se vê e se pode descrever.

Todos já lemos que a ciência nasceu na Grécia. Esta afirmação é contestável na medida em que os conhecimentos que consideramos científicos aparecem muito antes da civilização grega e em que as «ciências» gregas usam um método de validação diferente do da nossa ciência. É, contudo, verdadeira em determinado aspecto. De facto, a tentativa de compreender o Mundo e os fenómenos exteriores predominantemente em termos de causas materiais é uma especificidade grega: explicava-se o visível não com a agência mística, como ocorre na maior parte das culturas, mas com o visível e o plausivelmente inferível do visível. E tampouco os pensadores gregos estiveram obcecados pela relação do homem com o divino, como na maior parte das outras culturas: procurava-se explicar o mundo concebido em termos predominantemente concretos: em vez de forças místicas, de sopros divinos que criam a vida, os Gregos defenderam que tudo era feito de matéria. De água, de fogo, de átomos, mas, na maioria dos casos, de matéria concreta. Esta posição não foi a única na Grécia (houve sempre correntes mais místicas como o pitagorismo) mas teve uma influência determinante na filosofia ocidental<sup>(33)</sup>.

---

<sup>(32)</sup> Apud Pirenne-Delforge, V. (1999): «La religion grecque», in *Religions de l'Antiquité*. Coord. Yves Lehman. Paris, PUF.

<sup>(33)</sup> Sobre o misticismo e irracionalismo grego ver Dodds, E. R. (1951): *The Greeks and the Irrational*, Berkeley and Los Angeles; University of California Press; London, Cambridge University Press. Existe tradução portuguesa na Gradiva.

## *A especulação cósmica e a descoberta do pensamento*

Falo aqui de «descoberta do pensamento» com o significado seguinte. Como vimos quando considerámos o Homem pré-científico, um acontecimento não quotidiano é sempre explicado por um agente intencional, ainda que invisível. A mente é surdamente sentida como «Eu», detectada nos outros por uma inferência da acção ou inferida de acontecimentos inexplicáveis; nunca é considerada por si. É com os Gregos que o *pensamento* e os *motivos* são analisados pela primeira vez no Ocidente. Sigamos agora a sequência que levou ao estudo da mente.

O primeiro movimento de que temos conhecimento vem de uma das várias colónias gregas no Mediterrânio, Mileto, na Jónia (a Ásia grega, isto é, a costa ocidental da Ásia Menor). Por isso se lhes chama os *Milésios* («os de Mileto»). O primeiro foi *Tales*, conhecido precisamente por Tales de Mileto. Diz-se ter previsto um eclipse em 585 a. C., ter conseguido medir pirâmides através da sua sombra e ter identificado a duração do ano em 365 dias. Defendia que tudo derivava da água, não se sabe bem porquê. Contudo, quando se referia à mente, não diferia dos arcaicos. Por exemplo, dizia que os ímanes tinham alma (isto é, que tinham agência, inferida a partir do poder de atracção, certamente visto como agência). Compreende-se, com base no que dissemos no capítulo anterior, o que isto significa. Recordo que todo o movimento não causado pela gravidade ou pela transmissão de movimento que ocorre a partir de outros sólidos (uma bola que é posta em movimento por outra bola em movimento) tende a ser compreendido como «mentalmente causado»; assim, um íman, que atrai os outros metais, «parece vivo», isto é, parece «ter vontade/mente», ter uma «energia» que o relaciona intencionalmente com o ambiente («escolhe» e «chama» os metais). Não se sabe muito mais sobre a visão de Tales sobre a mente, mas acreditava na imortalidade da alma, mas não na doutrina da metempsicose (a transmigração das almas).

Vai havendo variações no pensamento sobre o mundo: *Anaximandro* (c. 560) postulou que tudo era feito de *apeiron*, isto é, de infinito ou de indeterminado (posição algo mistérica); *Anaximenes* (c. 546) defendia que o mundo era feito a partir do ar.

## OS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIA NA GRÉCIA

A este grupo de pensadores tem-se chamado os *físicos*, isto é, os pensadores que se interessaram pela natureza (*físis*, em grego, raiz da palavra «física»). Emanciparam o pensamento na medida em que conseguiram aplicá-lo à natureza, sem participação do elemento místico (as agências de espíritos e de deuses) e, talvez sobretudo, desenvolveram formas de pensar nas coisas em termos de geometria. Inventaram, assim, uma linguagem nova para se referir ao que é externo a nós, ao mundo físico que nos rodeia. É esta a origem remota da física. Não se trata do nascimento da física moderna, que ocorre apenas no século XVII, mas de uma análise do mundo físico feita em termos das propriedades desse próprio mundo físico e não de agências que o determinam. Este avanço não tem correspondência no pensamento sobre a mente, em que os *físicos* não se mostram fundamentalmente diferentes dos arcaicos: «tudo está cheio de deuses», dizia Tales, exactamente como vários povos ágrafo quando inferem almas do movimento espontâneo.

Pitágoras (activo em 530 a. C.) está, pelo pouco que sabemos dos autores pré-socráticos, em contra-corrente com o pensamento dos *físicos*. Dele sabe-se pouco, embora haja muitas lendas, posteriores, que lhe atribuem saberes extraordinários e uma natureza quase divina. Diz-se, por exemplo, que foi ele o primeiro a analisar as formas geométricas em termos matemáticos (todos recordamos que «o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos»). Atribui-se-lhe também uma análise dos harmónicos dos sons que geram uma escala (a escala pitagórica). A tendência actual é acreditar que o pitagorismo matemático se desenvolveu mais tarde, no século V, e que Pitágoras é uma figura real mas mitificada ao longo da história. No campo que nos interessa, era muito pouco moderno. Pensava ele que a mente era independente do corpo e que migrava de corpo para corpo com a morte, necessitando sempre de um suporte, de um corpo que fosse por ela animado, tal como nos povos arcaicos. Mas era a alma que apreenderia a verdade, não os sentidos.

Apesar do primitivismo da concepção da mente, a corrente de pensamento dos *físicos* abre um caminho importante: as coisas, como as vemos, têm uma realidade diferente da que é revelada pelos sentidos; a sua estrutura, aquilo de que são feitas, não são traduzidos pela percepção que dessas coisas temos. Há, pois, um mundo escondido

que se pode procurar pela razão e pela especulação. O pensamento – a razão – emancipa-se assim da percepção. Esta tendência irá aumentar nos pré-socráticos e abrirá caminho à descoberta da mente.

*Xenófanes* de Círo (c. 570-475), contemporâneo de Pitágoras, explicita pela primeira vez um tema importante para toda a filosofia posterior: o de que as coisas não são como nós as imaginamos, mas são o que são independentemente da maneira como as vemos. O seu argumento aplicava-se à imagem e aos comportamentos dos deuses. Dizia Xenófanes que os deuses não eram como nós os imaginávamos, nem em comportamento nem em aparência: de facto, se os cavalos tivessem deuses, imaginá-los-iam como cavalos tal como nós os imaginamos como semelhantes a nós. Deus seria uma coisa que nos é impossível imaginar, não causado, sem começo nem fim, sem espaço nem tempo e governaria tudo o que existe «só com a sua mente». Nota-se, pois, em Xenófanes, a compreensão da eficácia do pensamento puro.

O pensamento de *Heraclito* de Éfeso (c. 500) parece sugerir que tudo quanto pensamos e sentimos é uma ilusão. Tudo é fluxo em permanente mudança, e o que acabámos de ver imediatamente antes já é diferente agora, ainda que os nossos sentidos no-lo neguem – a famosa expressão «de que não é possível banharmo-nos duas vezes no mesmo rio» significa isso mesmo: o passado passou, é incapturável e as semelhanças que tem com o presente são meramente ilusórias. Dizia que a harmonia oculta (não sabemos o que seria exactamente) seria dirigida pelo *Logos*, aqui talvez traduzível por «razão». Haveria três categorias de pessoas, consoante apreendem melhor ou pior o *Logos*. As que estão dele próximas, as que o apreendem através do pensamento e aquelas que dele não têm nenhuma noção. Esta ideia viria, também, a ter influência posteriormente. Talvez acreditasse na ciclidade do mundo como, mais tarde, os estoicos (e Nietzsche) vieram a defender.

*Anaxágoras* de Clazómenas (c. 500 a.C. – 428 a.C.) apresenta uma ideia diferente: inicialmente tudo estava junto e misturado num núcleo complexo, e foi o *espírito (nous)* que deu ordem ao mundo, que seria, todo ele, material. O espírito é infinito e separado, isto é, não se mistura com a matéria que ordena e saberia tudo. Uma variante desta ideia de inteligência criadora reaparecerá em Platão e em Aristóteles e terá grande influência nos pensadores gregos (até ao

## OS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIA NA GRÉCIA

autor do Evangelho de S. João que ao afirmar que «No princípio era o verbo» significa «no princípio era o espírito»).

*Parménides* de Eleia (c. 475) defende, ao contrário de Heraclito e mesmo de Anaxágoras, embora tenha algumas semelhanças com ele, que a verdade das coisas é una, eterna e imutável, mas que são os sentidos que nos enganam. O seu foco de análise é o *Ser* (ontologia: de que é feito o que existe) e embora possa haver mudanças (a água passa a vapor, por exemplo) o *Ser* é sempre o mesmo: a verdade é o *Ser Uno* e sem mudança, que é apenas aparência. É da escola de Parménides que deriva o famoso paradoxo de Zenão, que pretendia negar o movimento de A para B (porque primeiro teria de percorrer metade, depois metade da metade, e *ad infinitum*, nunca chegando a B). A mensagem de Parménides sobre o Uno (mas não a de Zenão sobre o movimento) foi influente em Platão, com a teoria das formas.

Há uma tendência comum a todos estes autores apesar das suas diferenças: a realidade não é alcançada pelos sentidos mas encontra-se num plano só acessível pelo pensamento.

Uma outra corrente seria classificada modernamente como materialismo. *Empédocles* de Acragas (c. 450) afirmava que os objectos emitem eflúvios que são cópias de si próprios. Capturaríamos esses eflúvios com cada modalidade sensorial e eles misturar-se-iam no sangue. Com o bater do coração, transformar-se-iam em consciência. O aspecto mais relevante desta teoria é ser formulada em termos puramente materialistas. Não acentuemos a modernidade de Empédocles: esta teoria materialista convive com a ideia de transmigração das almas, que expiariam os pecados das vidas passadas. Mas Empédocles leva a dúvida sobre a identidade da percepção e das coisas (o que eu vejo não é o que realmente é) à sua conclusão lógica: se há diferença entre percepção e realidade, é necessário saber como se faz a tradução de uma na outra. É, pois, explicitamente, um começo de epistemologia psicológica: estudar o processo de conhecimento com base nos mecanismos perceptivos.

A parte mais moderna deste movimento é acentuada por *Leucipo* de Mileto (c. 430), que defendia que tudo é determinado, e pelo seu discípulo *Demócrito* de Abdera (c. 420), famoso por ter defendido a indivisibilidade infinita da matéria – haveria átomos, de diferentes

tipos, que se misturariam entre si formando substâncias. Esses átomos seriam percepcionados (o nome deles é *éidola*, palavra que está na raiz do nosso «ídolo» e que significa «imagem») e seriam juntos e separados mas nunca modificados – é uma visão que antecipa o associacionismo britânico de 2000 anos depois, de que, de resto, descende por via de Epicuro, como veremos. Demócrito defendia que as qualidades sensoriais são meras aparências, não porque houvesse características mentais que determinam a experiência, mas porque as coisas não são o que parecem. Assim, os sabores acres ocorreriam porque os átomos de que são compostas as coisas que nos sabem acres são pequenos, finos, angulosos; e uma coisa parecer-nos-ia doce por ser composta por átomos maiores e arredondados. Mais uma vez, é importante não mitificar o pensamento grego: os átomos de Demócrito não são nada semelhantes aos do presente, ainda que o pensamento moderno tenha surgido por influência do atomismo grego, como veremos. Para esta corrente (os «atomistas»), a alma era composta de átomos particularmente arredondados, permitindo que corresse por todo o corpo (a ideia é que a alma gera o movimento).

Há, pois, uma tendência para afirmar a falibilidade do dado sensorial: ele nada significa, é apenas engano. Chega-se assim a *Protágoras* de Abdéra (490-420 a. C.), um dos sofistas, que defendia o relativismo integral: cada um constrói a sua verdade a partir dos sentidos, e essas realidades são diferentes umas das outras – de onde a famosa afirmação de «[cada] homem ser a medida de todas as coisas».

Assim, paradoxalmente, nos Gregos, a centração nas coisas e não na mente levou à compreensão de que as próprias coisas são ilusões. Este ponto é importante: normalmente opõe-se ao «realismo ingênuo» (a crença de que as coisas são como as percepcionamos) a verificação de que as coisas só existem porque são representadas na mente e de que a mente, sendo subjectiva, interpreta essas coisas, de modo que não as podemos conhecer como são. Mas nos Gregos o caminho não foi esse: permaneceram centrados nas coisas, não no sujeito de representação (a pessoa que vê essas coisas), e ao verificarem que as aparências podem enganar, localizaram esse engano na natureza escondida das coisas e não nos processos da subjectividade. Só no final deste processo aparece a verificação da subjectividade.

Concluimos, pois, esta secção sobre os gregos pré-socráticos.